

Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos

JÚLIA RIBEIRO JUNQUEIRA*

Introdução

Na virada do século XIX para o XX, os jornais cariocas começariam a perder o seu caráter “artesanal” para se transformar em órgãos empresariais. Com o *Jornal do Commercio*, um dos grandes diários daquele momento, não foi diferente. Em 17 de outubro de 1890, um novo proprietário assumia a parte administrativa desse periódico. A atuação de tal indivíduo, entretanto, não se restringia apenas aos escritórios da redação do jornal, mas manifestava-se também nos do Palácio do Catete, além de estar presente em instituições notórias tanto no país como no exterior, contribuindo significativamente para aumentar o prestígio da tradicional folha. Tratava-se de José Carlos Rodrigues, homem abastado, nascido em 19 de julho de 1844¹, em Cantagalo (RJ).

Sua atividade jornalística iniciou ainda quando era aluno secundarista do Colégio Pedro II, onde publicou o seu primeiro jornal, intitulado *O Gentio* (CARDIM, 1944:131). Tal periódico saiu impresso pela Tipografia de Domingos Luiz dos Santos e teve dois números lançados. Mais tarde, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito de São Paulo, escrevia para o *Correio Paulistano* e se tornou correspondente do *Correio Mercantil*.

Mas, em 1867, Rodrigues toma a decisão de deixar o Brasil e partir para os Estados Unidos. Um ano depois de já residir no território norte-americano, José Carlos Rodrigues começou a atuar como correspondente do *Jornal do Commercio* e, ainda em Nova York, tornou-se proprietário da revista mensal *Novo Mundo*. Fundada em 24 de outubro de 1870, a revista alcançou a tiragem de 8.000 exemplares e nas suas colunas era possível encontrar uma grande variedade de assuntos, como: história, política, religião,

* Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

¹ Vale lembrar que neste mesmo ano, ou seja, em 1844, morria, na França, Pierre Plancher Seignot, fundador do *Jornal do Commercio* em 1827.

sociologia, entre outros temas. José Carlos Rodrigues suspendeu a sua publicação em dezembro de 1879, devido à nova tarifa postal do Brasil que elevava o preço do exemplar. Ainda em Nova York, Rodrigues chegou a publicar a *Revista Industrial* (1878-1879). Com o fim da publicação da revista *Novo Mundo*, Rodrigues tornou-se redator do *New York World* e colaborador do *The Nation*, além de atuar como tradutor na elaboração de livros didáticos². A passagem do periodista brasileiro pela imprensa daquele país também deixou um rol de amizades que daria inveja a qualquer letrado, pois nomes como os de Miller, redator chefe do *New York Times*; Ogden e Finck, redatores do *Evening Post*, e Lyman, diretor do *New York Tribune*; não hesitaram em ressaltar a ação de José Carlos Rodrigues nos meios jornalísticos estadunidenses. Acrescente-se, ainda, o papel desempenhado por este na questão referente à construção do Canal do Panamá, pois, segundo o ex-presidente Theodor Roosevelt, Rodrigues teria sido o profeta de tal obra e ele (Roosevelt) o executor da profecia (CARDIM, 1944:130-137).

O brasileiro permaneceu em Nova York durante quinze anos, já que, a convite do conselheiro Manoel Gomes de Oliveira, José Carlos Rodrigues transferiu-se para Londres, em 1882, para auxiliar o conselheiro a levantar capitais para a Estrada de Ferro Cantagalo. Durante os oito anos em que residiu na capital inglesa, o jornalista atuou como agente financeiro e prestou serviços ao governo do Brasil, intermediando negócios e empréstimos tanto para particulares como para o Estado brasileiro. Assim como aconteceu durante a sua estada em Nova York, Rodrigues também colaborou para a imprensa inglesa, especificamente nos jornais *The Financial News*, *Pall Mall Gazette* e para *The Times*.

Retornou ao país natal em agosto de 1890 e, em outubro desse mesmo ano, comprou e assumiu, com a preciosa intermediação de Eduardo Prado junto à família Villeneuve, a propriedade do *Jornal do Commercio*. Adquiriu o periódico, em conjunto com mais 23 associados, pela quantia de três milhões e quinhentos contos de réis (3.500:000\$000³), ocupando-se dos cargos de gerente e de redator-chefe.

² Como exemplo, a *Chrestomathia da língua inglesa* (1870).

³ Valor em libra esterlina: £ 78.970.500,000. O cálculo em libra esterlina para o valor em mil-réis foi feito a partir dos dados fornecidos pelo IPEA sobre a taxa de câmbio média mensal da libra esterlina (réis por pence), na praça do Rio de Janeiro, entre o período de 1808 a 1930. Fonte: <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll> /ipeadata?SessionID=1373569362&Tick=1270681484804&VAR_FUNCAO=Ser_Hist%28126%29&Mod=M. Acesso em 10/9/2010.

Com a experiência adquirida em Nova York, José Carlos Rodrigues trouxe métodos modernos para a elaboração dos editoriais, importou linotipos, trazendo uma rapidez extraordinária ao processo de produção do *Jornal do Commercio*. As páginas e a dimensão do periódico aumentaram, passando de dez a doze folhas, em formato de 73 cm de altura por 54 cm de largura (SANDRONI, 2007:319). Atraiu novos colaboradores, a exemplo de José Veríssimo, do visconde de Taunay, de Alcindo Guanabara, de Araripe Júnior, de Afonso Celso e de Rui Barbosa, que publicou as famosas *Cartas da Inglaterra* sob o caso Dreyfus⁴.

José Carlos Rodrigues mantinha, ainda, correspondência com um número considerável de políticos, historiadores e homens de letras, como Joaquim Nabuco, Campos Sales, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca, Oliveira Lima, Tobias Monteiro, Constâncio Alves, Machado de Assis, Varnhagen, José do Patrocínio, Cândido Mendes de Almeida, Quintino Bocaiúva, Eduardo Prado, Francisco Antônio Picot, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, James Garfield, visconde de Ouro Preto, barão de Capanema e barão do Rio Branco⁵. Para se ter uma ideia, as trocas de cartas, telegramas, bilhetes e cartões entre Rio Branco e o proprietário do *Jornal do Commercio* foram constantes, abarcando o período de 1895 a 1902. Em muitas delas, Rio Branco pede conselhos a José Carlos; em outras, relata questões políticas e de sua própria vida pessoal, como é possível perceber pela seguinte mensagem.

[...] Desejo também que V. converse com o Campos Sales e me diga se nos círculos políticos não produzirá mau efeito a minha entrada para o governo. Indo para lá, eu só me ocuparei da nossa política externa, porque continuo no meu propósito de 1875 de não mais me envolver em coisas de política interna. Receio, porém, que no mundo político me atribuam arrièrè pensèe e planos de ambição que não tenho. O Campos Sales e você poderiam nesse caso aconselhar o Dr. Rodrigues Alves a dispensar-me de ir para o ministério, como tanto pedi [...]. [...] Espero que no fim de ano e meio ou dois anos, o Rodrigues Alves consinta que eu volte para a Europa a fim de cuidar da minha saúde e de me ocupar de trabalhos interrompidos desde 1892. Não é só na política ou como ministro de Estado que se pode servir o

⁴ Alfred Dreyfus foi acusado pelo exército francês de espionagem e traição. O processo de seu julgamento mobilizou a opinião pública europeia, uma vez que mais tarde se descobriram fraudes nas provas de acusação e, conseqüentemente, constatou-se sua inocência.

⁵ E mais, José Veríssimo, Manuel Vitorino, Rui Barbosa, Júlio de Castilhos, barão de Lucena, Eduardo Wandenkolk, Afonso Pena, José Joaquim Seabra, Luís Gama, visconde do Bom Retiro, barão de Tefê, Domingos de Góes e Vasconcelos, Domício da Gama, Graça Aranha, Francisco Glicério, visconde de Taunay, barão de Homem de Melo, Alcindo Guanabara, Bernardino Campos, Luís de Castro, Alberto Torres, Lauro Sodré, Leopoldo de Bulhões, barão de Cotegipe, Joaquim Saldanha Marinho, entre outros.

*país [...] (CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE JOSÉ CARLOS RODRIGUES, 1971:33)*⁶.

Vale ressaltar que José Carlos Rodrigues foi considerado, em sua época, o maior bibliófilo brasileiro, possuindo exemplares raríssimos de livros que, mais tarde, foram doados à Biblioteca Nacional⁷. Dentre eles estavam o *Liber Chronicarum* de Hartman Schedel, de 1493; *Itinerum portugallensi e Lusitânia in indiam & indein occidentem & demun ad aquilo* de Vesputio, primeira tradução latina de 1508; *Cronica de las índias* de Oviedo, de 1535. Além dos impressos, havia também manuscritos na sua coleção, como as minutas submetidas pelo Conselho das Índias a Felipe III, o roteiro de navegação para a Índia e o livro do termo das juntas de missões (PACHECO, 1930:21-29). Além das atividades de bibliógrafo e de jornalista, Rodrigues se ocupava com as tarefas de historiador, de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁸ e, ainda, exercia sua influência nos bastidores da política. Ainda, como estudante, publicou *Constituição política do Império do Brasil* (1863) e trabalhou, como estagiário, no escritório de advocacia do Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos. Outras obras também se destacaram, como *Projeto iníquo: série de artigos da redação do Jornal do Commercio contra o projeto apresentado à Câmara dos Deputados prorrogando a ditadura do prefeito do Distrito Federal* (1903) e *Resgate das estradas de ferro do Recife a S. Francisco e de outras que gozavam da garantia de juros. Relatório apresentado a Exm. Sr. Dr. Joaquim Martinho* (1902).

Aliás, entre outros interlocutores, estava o presidente Prudente de Moraes. O chefe de governo desfrutava da intimidade de José Carlos Rodrigues, conforme suas próprias palavras: “Por isso mesmo tanto maior é o meu reconhecimento e mais profunda a minha gratidão para o grande órgão da nossa imprensa e seu digno redator-chefe, pela justiça que me fazem auxiliando-me eficazmente no desempenho de minha tão difícil quanto patriótica tarefa [...]” (PRUDENTE DE MORAIS APUD CARONE,

⁶ Carta do barão do Rio Branco a José Carlos Rodrigues, pedindo-lhe que interceda junto a Rodrigues Alves sobre a questão de sua nomeação para Ministro das Relações Exteriores, 12 de setembro de 1902.

⁷ Por ocasião de sua venda pública, a coleção foi adquirida pelo Dr. Júlio Benedito Ottoni, que a doou integralmente à Biblioteca Nacional em 1911 e que, atualmente, faz parte da Coleção Benedito Ottoni nesta casa.

⁸ José Carlos Rodrigues foi eleito, em 1907, sócio correspondente do IHGB, passou a honorário em 1914 e a benemérito em 1917.

1974:54). De qualquer forma, sabe-se que Rodrigues, o “homem de confiança” dos presidentes e, ao mesmo tempo, proprietário e diretor da conceituada folha carioca, dispunha de livre acesso ao Palácio do Catete. As trocas de cartas entre José Carlos e Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e o barão do Rio Branco confirmam como, em muitos momentos, os redatores daquele diário, por meio de notícias bem selecionadas, favoreceram a política vigente.

Mesmo após a saída de Rodrigues do *Jornal do Commercio*, em 1915, a linha editorial do diário não sofreu grandes transformações. Um antigo funcionário, Félix Pacheco, tornou-se o cérebro da redação, preservando as antigas relações sociais imbricadas com as redes de poder, inclusive, de forma mais definida, já que Félix era deputado pelo Estado do Piauí e seria eleito, em seguida, senador; posteriormente assumiria o Ministério das Relações Exteriores no governo de Artur Bernardes. Vale lembrar que, mesmo após a venda do *Jornal do Commercio* para o português Antônio Ferreira Botelho, que ocupava o cargo de gerente no periódico e desde bem moço ali trabalhava, Rodrigues continuou a colaborar no diário, não deixando de exercer certa influência na redação do jornal. Em uma das correspondências entre o antigo proprietário e Ferreira Botelho, o português esboçou um convite:

[...] não lhe queremos indicar a espécie de colaboração que poderia prestar-nos. Tal não teria obrigações fixas e poderá ser-nos prestada aqui ou na Europa, como o amigo entender melhor, quando queira, como queira, como possa, sem obrigações estritas, nem fixação de assuntos [...] (BOTELHO, 1921).

José Carlos respondeu à carta de Botelho, primeiro referindo-se ao seu afeto pelo periódico que, no seu entender, continuaria o mesmo e isto se estenderia aos perpetuadores da sua obra e, em seguida, esclareceu que aceitaria o encargo se viesse a residir na Europa (RODRIGUES, s/d). Tal transferência de país acaba ocorrendo, já que Rodrigues se muda para Paris, local onde acaba falecendo com 79 anos de idade, em 26 de junho de 1923, sendo, entretanto, sepultado na capital inglesa.

Por meio desse pequeno resumo sobre a trajetória de José Carlos Rodrigues, percebe-se que o jornalista foi um homem letrado, presente nos diversos setores sociais do seu tempo, e mais, estava à frente de um dos mais renomados periódicos do país. A par disso, na sua correspondência passiva constata-se todo o seu poder de articulador político que, inúmeras vezes, certamente, favoreceu a si próprio, a seus aliados e ao *Jornal do Commercio*.

Breves apontamentos teórico-metodológicos

Permeiar a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues dentro de um contexto múltiplo (ROJAS, 2000:15), nos seus mais diversos ângulos, proporciona um amplo campo de pesquisa que compreende desde a história política renovada, entrecruzada com os conceitos da história cultural, até o estudo do biográfico, dentro de uma nova perspectiva e, certamente, muitos outros tópicos. Embora o assunto seja pertinente, durante um bom tempo muitos historiadores não se sentiam à vontade em difundir estudos relacionados à biografia e, principalmente, àquelas que, de alguma forma, se inseriam na história política (JULLIARD, 1976:180-181). Uma das justificativas da supressão desse tipo de pesquisa está relacionada à ideia de que os trabalhos em torno da temática eram vistos como um meio de privilegiar a atuação da elite dominante na história do Estado. Tal argumentação fortaleceu-se principalmente devido à influência da Escola dos *Annales* que, combinada com um viés marxista, criticava a Escola Metódica de fazer certo tipo de história que exaltava a história política, as histórias nacionais e a história dos grandes homens. A partir da década de 1980, quando a história política começou a ser revigorada com a influência de cunho cultural (RÉMOND, 1996:29-36), o tema recebeu um impulso ascendente e as pesquisas que permeavam esses campos ganharam novos espaços. Do mesmo modo, a ampliação das fontes políticas e culturais permitiu que tópicos, anteriormente negligenciados, pudessem desfrutar dos mesmos privilégios que outrora pertenciam ao terreno da história econômica e social.

É certo que, pensar no objeto deste trabalho, ou seja, os distintos caminhos perpetrados por José Carlos Rodrigues, implica o estabelecimento de uma abordagem que se apóia no estudo do biográfico dentro da perspectiva de uma história política renovada. Neste sentido, talvez o maior desafio, segundo Carlos Antonio Aguirre Rojas, seja realizar uma biografia que não se ampare em um simples conto apaixonado, cronológico, de acontecimentos falsamente engrandecidos da história e da vida de um homem (ROJAS, 2000:14), ou que não apresente a versão clássica, na qual a finalidade se constituía em relatar uma vida para obter um efeito político, moral ou religioso (MADELÉNAT, 1984:36). Deve-se, sim, estar atento à complexa recuperação da curva

de um destino individual, na qual se inserem as contribuições inovadoras tanto da história política como da história cultural, esta circunscrita em suas práticas e representações, através das sociabilidades, das memórias particulares e nos usos e costumes dos grupos humanos.

As reflexões em torno desse estudo conduzem à noção do que seria uma trajetória. Para tal entendimento, as ponderações de Pierre Bourdieu se constituem bastante apropriadas. De acordo com esse autor, a trajetória se apresenta como uma série de posições que um mesmo indivíduo ocupa, ficando este receptível a incessantes transformações (BOURDIEU, 2006:189). Para tanto, esse caminho se constrói a partir de distintos acontecimentos e vínculos que se operam nas diversas posições ocupadas pelo indivíduo. Desta forma, segundo Bourdieu, a compreensão de uma trajetória só se apresenta através do estabelecimento dos estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e na interação do sujeito com outros indivíduos envolvidos no mesmo palco e confrontados em um determinado espaço (BOURDIEU, 2006:189).

A par disso, outra noção deve ser destacada. Se a biografia tem por natureza enfocar a vida de um indivíduo, necessariamente, há de se ter um olhar sobre o grau de desenvolvimento, nem sempre linear e cumulativo, que tal personagem conquista e dissemina ao longo da sua curva evolutiva. E, nesse sentido, o indivíduo permanece determinado por distintas conjunturas: externamente, a partir do grau de liberdade que as próprias estruturas sociais concedem ao sujeito que somente se constitui pela liberdade que possui para exercer sua própria ação histórica perante o mundo externo; internamente, mediante o processo de auto-reflexão (ROJAS, 2000:18-20). Os indivíduos devem ser pensados em sua inserção em uma vida cotidiana, que é permeada por dúvidas e incertezas, na qual os sujeitos apresentam um caráter fragmentário, uma identidade dinâmica, que geram momentos contraditórios no seu progresso de individualização (LEVI, 2006:168).

Ressalta-se que o termo “indivíduo” aqui empregado se ampara nas reflexões utilizadas por Norbert Elias, na obra *A sociedade dos indivíduos*, em que o autor defende a ligação indissociável entre indivíduo e sociedade, conceitos que não são opostos. Ao contrário, ao pensar o indivíduo, este necessariamente deve ser analisado na sua relação com o outro, sendo tal intercâmbio permeado pela sociedade. Portanto, nas palavras do próprio Norbert Elias, “[...] o indivíduo interfere na sociedade, assim como,

a sociedade interfere na história e na constituição do indivíduo” (ELIAS, 1994:7). Este, através da história de suas relações, ou seja, suas convicções, afetos, necessidades e traços de caráter mediante a interação com os outros, constrói a sua “essência” pessoal. Desse modo, o indivíduo só passa a ser entendido a partir do seu relacionamento com o outro (ELIAS, 1994:31-56).

De acordo com Giovanni Levi, ainda se torna importante destacar que, para escrever a vida de um indivíduo, o historiador deve fugir das pretensões de uma biografia tradicional, que prende o seu personagem a uma cronologia ordenada e a uma personalidade coerente e estável (LEVI, 2006:169). A curva da trajetória do indivíduo é analisada a partir da sua própria complexidade, na qual as contradições, as decisões carregadas de dúvidas, a formação não-linear, revelam uma face da problematização do biográfico (LEVI, 2006:173).

Vale mencionar, ainda, a questão do contexto em relação à biografia. Tal abordagem não pode ser vista como um simples pano de fundo da trajetória de um indivíduo, reduzida a “comportamentos-tipos” do personagem ou se constituir apenas pela compreensão dos seus desvios e singularidades. Ao contrário, deve expor as suas condutas perante as próprias normas que o contexto histórico justifica (LEVI, 2006:176). No caso, um periódico, especificamente como o *Jornal do Commercio*, circunscrito a um ambiente de homens letrados, confere e possibilita o que Jean-François Sirinelli chama de estrutura do campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão (SIRINELLI, 1996:249), *i.e.*, nessa atmosfera, compartilham-se amizades e relações de fidelidade que acarretam possibilidades de posições tomadas nos debates suscitados e, até mesmo, nas cisões advindas. Constitui-se um observatório das sociabilidades de certos indivíduos, cuja análise tanto do movimento das ideias como das relações sócio-afetivas, proporciona distintas abordagens de tal espaço e contexto.

Pensar o indivíduo interligado ao contexto certamente leva o historiador, no estudo biográfico, a refletir sobre o conceito de geração, sendo esta concebida como uma “escala móvel do tempo” (SIRINELLI, 2006:135), na qual o fator natural, biológico, se une ao fator cultural, produzindo uma forte identificação entre indivíduos pertencentes a uma mesma faixa etária. Não se pode deixar de levar em conta, entretanto, a elasticidade que tal noção encerra, possibilitando que as gerações criadas ou modeladas por um acontecimento inaugurador possam, sim, gerar uma estrutura

(SIRINELLI, 2006:137). Quando esses componentes se consolidam e adquirem uma existência autônoma, certamente uma geração é marcada por toda a vida e se torna uma peça essencial, parafraseando Sirinelli, da “engrenagem do tempo”.

Talvez se possa inferir que aqueles letrados da segunda metade do século XIX e dos primeiros anos republicanos, certamente, marcaram uma geração de homens que percorreram, apesar das variações, trajetórias simultâneas. Como é o caso de José Carlos Rodrigues e muitos dos seus contemporâneos, que constituíam figuras permanentes nas redações de algum jornal, nos ciclos políticos, nas cadeiras das mais prestigiadas instituições daquele momento e, de alguma forma, envoltos com a escrita da história do Brasil.

Fazendo o caminho inverso de muitos dos filhos abastados da sociedade fluminense, da segunda metade do século XIX, José Carlos Rodrigues optou pelos Estados Unidos, ao invés de ir para a Europa, depois de se formar em Direito. No estrangeiro obteve um reconhecimento notório, já que a própria imprensa norte-americana, em 1909, o consagrou publicamente, através de um banquete no Clube das Universidades, em Nova York, por seus serviços prestados aos meios jornalísticos daquele Estado (CARDIM, 1944:137). O retorno ao Brasil só aconteceu quando José Carlos já era homem maduro, com 46 anos de idade, possuidor de uma considerável experiência no campo da imprensa e em outras atividades, como a de agente financeiro.

Percebe-se que José Carlos Rodrigues constituiu-se um homem múltiplo que percorreu uma trajetória complexa. Consequentemente, as fontes detectadas, até o presente momento, referentes a tal investigação, permanecem como um conjunto bastante variado. São notas contidas em alguns jornais e revistas, tanto de autoria de Rodrigues como de outros autores, que, de alguma forma, mencionaram o jornalista; periódicos criados por José Carlos e aqueles nos quais o antigo proprietário do *Jornal do Commercio* exerceu alguma função; suas obras, diversificadas nas áreas da história política, da história da religião e da historiografia; livros de alguns de seus contemporâneos, nos quais se revelam algumas ações tanto de caráter profissional como pessoal do periodista; e, por fim, talvez perfazendo o maior conjunto de fontes e a mais privilegiada, uma farta correspondência: escrita epistolar, bilhetes, telegramas, ofícios políticos, cartões, dentre outros.

Grande parte desses últimos documentos se encontra na *Correspondência passiva de José Carlos Rodrigues*, publicada pela Biblioteca Nacional na década de 1970. Nessa mesma instituição, localiza-se a *Coleção Benedito Ottoni*, que concentra cartas entre José Carlos, os presidentes do Brasil na Primeira República e terceiros, extremamente diversificadas, incluindo, entre outros assuntos, comentários sobre política, doenças, eventos artísticos, literatura, jornalismo, obras públicas, viagens científicas e riquezas do Brasil. Há, ainda, enorme correspondência relativa ao IHGB, realizada entre seus membros e entidades semelhantes a este instituto; além disso, nesta entidade, especificamente no *ACP — Arquivo e Coleções Particulares* — está grande parte dos documentos dos integrantes de tal casa.

Diante de tão vasto e diversificado conjunto de fontes, exigiu-se um maior cuidado teórico-metodológico. Nesse sentido, dividiu-se em quatro blocos o complexo grupo de documentos a serem investigados, consistindo eles: 1º) *Notas referentes a José Carlos Rodrigues*, incluindo-se fontes de autoria de terceiros que, de alguma forma, fizeram registros sobre o objeto em estudo. 2º) *Atuação jornalística de José Carlos Rodrigues*, englobando os periódicos em que esteve à frente e aqueles em que exerceu alguma atividade, alvo da inquirição. 3º) *José Carlos Rodrigues — o historiador*, focalizando suas obras históricas que serão analisadas. 4º) *A correspondência de José Carlos Rodrigues*, envolvendo a avaliação de sua correspondência passiva e ativa. Obviamente, cada grupo desses demandará um método específico no processo analítico. Guardadas, contudo, as devidas circunstâncias de cada fonte, algumas questões se tornam fundamentais.

Assim, trabalha-se com uma série de questionamentos elucidados pela historiadora Angela de Castro Gomes, que os evidencia na introdução da obra *Escrita de si, escrita da história*, ao expor uma metodologia a ser empregada para correspondências (GOMES, 2004:21). Vale ressaltar que, além da apropriação metodológica da prática utilizada por essa autora, acrescentaram-se ulteriores questões para que fosse possível abarcar os quatro blocos de documentos. Portanto, deve-se estar atento aos seguintes pontos: Quem escreve/lê? Em que período, condições e locais as cartas, as notícias, as obras, os artigos foram escritos e os periódicos produzidos? Onde foram encontrados(as) e como estão guardados(as)? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto

material? Que assuntos/temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? Qual foi a noção de história adotada para a escrita das obras? Qual foi a apreciação dada às obras pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro? Todavia, é importante esclarecer que será adotado o critério da flexibilidade na aplicação das investigações expostas, que não serão aplicadas integralmente a cada grupo, uma vez que determinado ponto pode ser pertinente a um bloco e a outro não. Além disso, a quantidade de assuntos pode ser ampliada, dependendo das fontes a serem consultadas. Enfim, as perguntas variarão de acordo com o documento analisado.

À medida que se avança em tais análises, espera-se revelar a construção de redes e vínculos do antigo proprietário do *Jornal do Commercio* que possibilitaram a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e, até mesmo, afetivas. Procura-se, ainda, evidenciar se a trajetória de José Carlos Rodrigues se alterou e, se tal aconteceu, como se transformou ao longo do tempo.

Não é demais lembrar que, sendo o grupo da correspondência o maior volume de fontes a serem analisadas e, talvez, o que detém maior complexidade, requer também um trabalho cuidadoso e minucioso. Tais documentos, apesar da fragmentação, são abundantes e variados, proporcionando ao pesquisador um contato com certo espaço que registra a história do indivíduo e dos grupos a que pertence, *i.e.*, o espaço da sociabilidade, no qual o historiador, de acordo com Angela de Castro Gomes, examina a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa, “[...] não se trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento [...]” (GOMES, 2004:15).

Considerações finais

Avaliando-se sob esse prisma, permear a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues significa conjecturar a importância que tal indivíduo ocupa na história do Brasil. Uma vez que, os legados deixados pelo jornalista eram perceptíveis tanto na história da imprensa, já que, nas primeiras décadas do século XX, o *Jornal do Commercio* fundamentou seu prestígio, caracterizando-se como uma empresa sólida; como, vale lembrar que vultos iguais a Rodrigues, concomitantemente a muitos homens de letras daquele período, além de atuarem no jogo político, praticavam o *métier* de

historiador. No caso daquele, depreende-se a sua contribuição historiográfica, oriunda, sem dúvida, de sua presteza como bibliófilo e bibliógrafo. E mais, a sua atuação ativa, interferindo, ora de forma clara, ora de forma encoberta nos bastidores dos círculos políticos, tanto na segunda metade do período monárquico como na Primeira República.

Referências bibliográficas

1. Fontes

BOTELHO, Antônio Ferreira. Carta de... a José Carlos Rodrigues, datada de 29 de novembro de 1921. *Arquivo IHGB*, coleção José Carlos Rodrigues.

CORRESPONDÊNCIA passiva de José Carlos Rodrigues, 1844-1923. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971.

DICIONÁRIO biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Sócios falecidos entre 1921-1961. v. 3. Rio de Janeiro: IHGB, 1993.

PACHECO, Félix. *O valor imenso da biblioteca brasiliense do Dr. José Carlos Rodrigues*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1930.

RODRIGUES, José Carlos. Carta de... ao Comendador Antônio Ferreira Botelho, agradecendo o convite para colaborador do *Jornal do Commercio*. s/d. *Arquivo IHGB*, coleção José Carlos Rodrigues.

_____. *Constituição política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1863.

_____. *Chrestomathia da língua inglesa*. Nova York: Barnes, 1870.

_____. *Resgate das estradas de ferro do Recife a S. Francisco e de outras que gozam da garantia de juros. Relatório apresentado a Exm. Sr. Dr. Joaquim Martinho*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

_____. *Projeto iníquo: série de artigos da redação do Jornal do Commercio contra o projeto apresentado à Câmara dos Deputados prorrogando a ditadura do prefeito do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Tipografia de Rodrigues, 1903.

2. Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

- CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, (185):126-157, out./dez., 1944.
- CARONE, Edgard. *A República Velha: evolução política*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FALCON, Francisco. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita de história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- JULLIARD, Jacques. “A política”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. Tradução de Henrique Mesquita. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- MADELÉNAT, Daniel. “Histoire”. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. “La biografia como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales”. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio — 1827-2007: de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum, 2007.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- _____. “A geração”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.